

ACESSIBILIDADE! PARA ESTARMOS TODOS JUNTOS

Elizabeth Medeiros Pinto¹
Suzane Weber Silva²

RESUMO: Este artigo visa a, primeiramente, abordar os conceitos de inclusão e acessibilidade, noções diretamente relacionadas aos problemas enfrentados, diariamente, por pessoas com deficiência. O artigo apresenta autoras como Petra Koppers, Ann Cooper Albright, Ana Carolina Teixeira, Lleana Caballero e Judith Butler, que discorrem sobre aspectos da acessibilidade para corpos com deficiência em cena e fora de cena. Os conceitos de inclusão e acessibilidade estão associados a uma prática pedagógica e artística de mais de vinte anos junto à Escola de Educação Especial Educandário São João Batista, onde viemos elaborando projetos que partem da premissa de Visão de Mundo e Temas Geradores da Pedagogia de Paulo Freire. A partir de tais premissas desenvolvemos aulas, criações artísticas e performances com vistas a estimular a reflexão e procurar a solução de problemas levantados durante os processos em sala de aula. O artigo apresenta o resultado de uma dessas práticas que envolvem os Temas Geradores: a criação, em sala de aula com alunos cadeirantes e andantes da performance intitulada *Família Roda*. E, por fim, o artigo busca refletir sobre o quanto as práticas da performance podem ajudar a dar visibilidade aos problemas da falta de inclusão e acessibilidade permitindo vínculos éticos, alteridade e, assim, estimular atitudes positivas em relação ao Outro.

PALAVRAS-CHAVE: Deficiência. Performance. Temas Geradores. Inclusão. Acessibilidade.

ACCESSIBILITY! TO BE ALL TOGETHER

117

ABSTRACT: This article aims first to approach the concepts of inclusion and accessibility, concepts directly related to the problems faced daily by people with disabilities. The article presents authors such as Petra Koppers, Ann Cooper Albright, Ana Carolina Teixeira, Lleana Caballero and Judith Butler to discuss aspects of accessibility for disabled bodies on stage and offstage. The concepts of inclusion and accessibility are associated with a pedagogical and artistic practice of more than twenty years at the Escola de Educação Especial Educandário São João Batista where we have been working on projects that start from the premise of World Vision and Generative Themes of Paulo Freire's Pedagogy. From these premises we develop classes, artistic creations and performances aiming to stimulate the reflection and search for solution of the problems raised during the processes in the classroom. The article presents the result of one of those practices that involve the Generating Themes: the creation, in classrooms with wheelchair and walking students of the performance entitled *Wheel Family*. Finally, the article seeks to reflect on how performance practices can help to give visibility to the problems of lack of inclusion and accessibility, allowing ethical links, otherness and, in this way, stimulating positive attitudes towards the Other.

KEYWORDS: Disability. Performance. Generative themes. Inclusion. Accessibility.

1 Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAC-UFRGS). Atriz, dramaturga e professora de teatro na Escola de Educação Especial Educandário São João Batista em Porto Alegre. E-mail: bethamedeiros@uol.com.br

2 Professora no PPGAC - UFRGS e professora associada no Departamento de Arte Dramática (DAC - UFRGS). E-mail: ssuzaneweber@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Leciono Teatro, Educação Física e Informática em uma Escola de Educação Especial – Educandário São João Batista³ – há 23 anos. Os alunos são crianças e adolescentes com deficiências oriundas de sequelas de encefalite crônica não progressiva (comumente conhecida como paralisia cerebral)⁴, mielomeningocele⁵, hemiparesia⁶ e autismo⁷. Muitos deles, ou quase todos, locomovem-se em cadeiras de rodas ou deambulam com alguma dificuldade.

Em 1994, durante minha formação em Educação Física, fui convidada por uma colega que fazia estágio voluntário de fisioterapia no Centro Clínico onde o Educandário⁸ funciona, para conhecer a Instituição e trabalhar com as crianças. Ela disse: “precisamos de uma criatura maluca como tu para louquear com as crianças!”. Mas eu nunca havia entrado em contato com “excepcionais”! Esse foi o termo que usei para responder a esse convite-provocação⁹. Eu não havia cursado ainda a disciplina de Educação Física Especial, porém sabia que aqueles com menor coordenação motora da faculdade eram chamados, pejorativamente, de “efi-especial”, que é como os alunos referem-se à disciplina que trata de como atuar com alunos com deficiência.

Nas faculdades de Artes Cênicas e Educação Física, nas quais me graduei, estuda-se o corpo “ideal”, que é, segundo Romano (2013), o corpo masculino, heterossexual, branco e de classe média. “Tal supremacia significa uma violência contra outros ‘tipos de corpos’ minoritários, obrigados a superar suas diferenças” (ROMANO, 2013, p. 104). No

3 Instituição filantrópica criada em 1939 para atender crianças com poliomielite; atualmente, atende gratuitamente crianças e adolescentes com deficiências físicas múltiplas. Disponível em: <http://www.educandario.org.br/>.

4 A encefalopatia crônica não progressiva é definida como um distúrbio permanente não variável do movimento e da postura, proveniente de lesões não progressivas no cérebro, que iniciam nos primeiros anos de vida. A paralisia cerebral (PC) é determinada pela mudança nos movimentos posturais dos pacientes em decorrência de uma lesão ou disfunção do sistema nervoso central.

5 Também conhecida como Espinha Bífida, é uma má-formação congênita da coluna vertebral. A medula espinhal, que é o “tronco” de ligação entre o cérebro e os nervos periféricos do corpo humano, nasce exposta, dificultando a função primordial da coluna vertebral, que é proteger a medula espinhal.

6 Paralisia parcial em um dos lados (hemisférios) do corpo.

7 Autismo, também conhecido como Transtorno do Espectro Autista, é um transtorno que causa problema de desenvolvimento na linguagem, nos processos de comunicação, na interação e no comportamento social restritivo e repetitivo.

8 Educandário é como referirei porque é assim que, carinhosamente, chamamos, tanto a Escola de Educação Especial quanto a Clínica de Reabilitação que ficam no mesmo prédio e compõem a Instituição Educandário São João Batista.

9 Mais adiante, no texto, voltaremos a falar sobre termos. Neste artigo, uso o termo “deficiência” para dar uma certa unidade e coerência de pensamento.

entanto, os corpos dos alunos do Educandário estão longe do chamado “corpo ideal”: lá estão corpos com vários tipos de deficiências. Por isso, meu primeiro pensamento foi recusar, eu não saberia o que fazer com eles, pois faltava-me uma formação específica orientada para esse grupo. No entanto, aceitei e, ao iniciar o trabalho, logo percebi que não havia modelo a ser seguido. Se hoje há pouca literatura sobre a educação inclusiva no teatro e na educação física no que tange a pessoas com deficiências, há vinte anos a teoria especializada era ainda mais escassa. Eu deveria, então, começar do zero? “Adaptar” tudo o que havia aprendido nas graduações em Teatro e em Educação Física, áreas do conhecimento em que o corpo é, por primazia, uma dimensão central a ser mostrada, articulada, desenvolvida, preparada, performada e refletida?

2 INCLUSÃO E ACESSIBILIDADE

Em nossa pesquisa¹⁰, discutir sobre os termos inclusão e acessibilidade supõe referir-se a essas noções tendo em vista questões sociais diretamente relacionadas a pessoas com deficiências. Compreendemos a inclusão como a possibilidade de as pessoas com deficiência participarem de modo mais frequente de inúmeras dimensões da vida social, uma vez que, para essas pessoas, há barreiras de diversas naturezas, como veremos a seguir, que impedem o acesso de múltiplos ambientes sociais. No caso deste artigo, estamos dando ênfase ao ambiente escolar. Quanto a acessibilidade, compreendemos como sendo a ausência dessas barreiras que dificultam ou impossibilitam a pessoa com deficiência a viver plenamente todos os aspectos da vida.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – Lei nº9.394 de 1996)¹¹ apresenta um capítulo específico para Educação Especial, segundo o qual se entende por “especial” a educação oferecida, preferencialmente, na rede regular de ensino para educandos com deficiência. Muitos especialistas consideram a LDB, ainda em vigor, uma incentivadora da inclusão. Porém, a palavra “preferencialmente” e a existência de Escolas Especiais, como a em que eu trabalho, são vistas como um entrave para a inclusão total por alguns estudiosos brasileiros, como o professor Claudio Roberto Baptista, coordenador

10 Esse artigo faz parte de uma pesquisa que está sendo desenvolvida em nível de doutorado no Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas, UFRGS.

11 Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 1 fev. 2018.

do Núcleo de Estudos em Políticas de Inclusão Escolar (NEPIE) do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU) da UFRGS. Ele critica o que chama de “conclusões fáceis do tipo ‘naturalmente, haverá sempre alunos que não podem ser incluídos’, assim como as afirmações que condicionam a inclusão à gravidade dos comprometimentos apresentados pelos alunos” (BAPTISTA, 2009, p. 22).

O professor italiano Andrea Canevaro, da Universidade de Bologna, também partilha dessa ideia de que não deveria haver espaços somente para alunos com deficiência. Em uma palestra ministrada no PPGEDU, em 2016, ele falou de modo negativo do que seria uma espécie de “universo paralelo” que ele questiona: escolas especiais, esportes especiais e adaptados. Canevaro (1999) também explica como devem funcionar os espaços onde a inclusão escolar torna-se possível:

Um espaço inclusivo deve ser pensado de modo articulado e modular: permite que todos possam ficar juntos em sala de aula e ter um papel importante e, ao mesmo tempo, proporciona a presença de espaços separados, tais como laboratórios onde são feitos trabalhos em grupos. (CANEVARO, 1999, p. 25 apud DI PASQUALI; MASELLI, 2014, p. 718).

Creio haver ainda um longo caminho até que consigamos alcançar o almejado modelo de sucesso italiano. Na Itália, atualmente, todas as escolas são inclusivas. No final da década de 1970, a Lei 517¹² acarretou o fechamento de todas as escolas especiais. No Educandário, por exemplo, os alunos que vão para a rede de ensino regular ao finalizarem o 4º ano do Ensino Fundamental (já que a escola tem turmas até essa série), ao entrarem na rede regular acabam sendo excluídos das aulas práticas de Educação Física. Aqueles com a chamada boa capacidade cognitiva, que chegam a frequentar o Ensino Médio e, em alguns casos, a faculdade, são minoria. Isso ocorre, porque os alunos que apresentam grave quadro neurológico não conseguem acompanhar uma turma de ensino regular com 30, 40 alunos na sala de aula¹³.

O professor Alfredo Veiga Neto explica que:

12 Disponível em: <http://diversa.org.br/artigos/panorama-atual-da-educacao-inclusiva-na-italia/>. Acesso em: 19 abr. 2018.

13 Deve-se levar em consideração também a importância da formação dos professores para poderem atender turmas inclusivas, o que não é abordado diretamente neste artigo. Porém, é do entendimento das autoras que a inclusão escolar, sem professores especializados e apoio a estes, torna-se exclusão.

Se parece mais difícil ensinar em classes inclusivas, classes nas quais os (chamados) normais estão misturados com os (chamados) anormais não é tanto porque seus (assim chamados) níveis cognitivos são diferentes, mas, antes, porque a própria lógica de dividir os estudantes em classes – por níveis cognitivos, por aptidões, por gênero, por idades, etc. – foi um arranjo inventado para, justamente, colocar em ação a norma, através de um crescente e persistente movimento de, separando o normal do anormal, marcar a distinção entre normalidade e anormalidade. Nesse caso, o conceito de nível cognitivo foi inventado, ele próprio, como um operador a serviço desse movimento de marcar aquela distinção; não tem sentido, portanto, em tomá-lo como um *datum* prévio, natural. A própria organização do currículo e da didática, na escola moderna, foi pensada e colocada em funcionamento para, entre várias outras coisas, fixar quem somos nós e quem são os outros. (VEIGA NETO, 2001, p. 2).

Ivete¹⁴, ex-aluna nossa, que recentemente concluiu o Ensino Médio em uma escola pública estadual, certa vez me disse, muito contente, que finalmente estava participando das aulas de Educação Física. A nova professora vinha desenvolvendo aulas de expressão corporal e de dança e chamou-a para fazer parte do grupo de alunos em vez de excluí-la, como fizeram todos os professores anteriores. Tais professores alegavam ter medo de que acontecesse alguma obstrução na válvula intracraniana dela, consequência da hidrocefalia, uma das características recorrentes da mielomeningocele. Realmente, a válvula é algo que exige cuidado, mas não a ponto de excluir o aluno dos jogos e brincadeiras nas aulas. No caso de Ivete, antes de essa referida professora de Educação Física convidá-la para participar das atividades esportivas, o que era uma exceção, ela desabafava não aguentar ser transformada em “suporte” para os objetos dos colegas enquanto ficava ao lado da quadra de esportes assistindo a seus colegas correrem e jogarem. Em suas palavras: “Não aguento mais servir de cabide!”.

Suelen Rodolpho, outra ex-aluna com mielomeningocele, também sofreu com a exclusão nas aulas de Educação Física na escola regular que frequentava. Eu, na qualidade de ex-professora, cheguei a conversar com suas professoras por telefone, explicando que Suelen era capaz de se movimentar com muletas e, ocasionalmente, com cadeira de rodas, mas a aluna continuou sem participar das aulas de Educação Física. Felizmente, essas experiências negativas não a fizeram desistir do esporte e da vida social. Atualmente,

14 Os nomes de alunos deste artigo são fictícios, excetuando Suelen Rodolpho, por ser uma pessoa pública, atleta da equipe da seleção brasileira de esgrima paraolímpica.

Suelen vem participando de competições nacionais e internacionais como integrante da equipe brasileira de Esgrima em Cadeira de Rodas¹⁵ e participou dos Jogos Paralímpicos Rio 2016¹⁶.

Rosa, brilhante e dedicada aluna de teatro, colocou-me em xeque ao perguntar: “o que tu achas de eu tentar a faculdade de Teatro?”. Fiquei um tempo sem resposta, olhando seu corpo com graves limitações motoras tanto nos membros superiores quanto inferiores, acomodada em uma cadeira de rodas motorizada. Engoli em seco e respondi: “minha querida, se é esse teu sonho, vai atrás!”. Esse diálogo me persegue, e desde então me faz pensar em como seria possível realizar o desejo dessa aluna e de vários outros alunos. Penso nas barreiras não apenas físicas do corpo, mas também a das estruturas urbanas, tais como a falta de ruas, prédios e meios de transportes com acessibilidade. Penso nas dezenas de degraus que dão acesso ao prédio do Departamento de Arte Dramática da UFRGS¹⁷, por exemplo. Mas penso também, e isso é o pior, nas barreiras sociais a enfrentar.

A grande maioria dos alunos do Educandário ressenete-se de não poder passear com frequência, de não conhecer a cidade onde vivem, não usufruir de lugares além do caminho rotineiro: da casa para a escola ou para a clínica (ou hospital) e de volta para casa. Essa parcela de alunos representa o desejo de toda uma comunidade juvenil que, na verdade, tem os mesmos anseios e desejos que qualquer jovem de sua idade, como sair e encontrar os amigos. No entanto, os obstáculos para essas simples atividades são enormes. Na maioria das vezes, são intransponíveis.

15 A esgrima em cadeira de rodas (Paralímpica) no Brasil, tem ainda poucos locais de prática. No Rio Grande do Sul, a partir de 2004, na Associação de Servidores da Área de Segurança, Portadores de Deficiência do RS (ASASEPODE), os professores Eduardo Nunes e Alexandre Teixeira começaram um trabalho voluntário com um pequeno grupo de participantes, que foi crescendo à medida que aconteceram as oficinas e a participação em campeonatos nacionais e internacionais. Atualmente, a equipe da ASASEPODE tem sociedade firmada com o Clube Grêmio Náutico União, que fornece materiais e sala para treinos. Com a oficialização, esses atletas passaram a competir com o nome de Asasepode/GNU. Disponível em: <http://www.asasepode.org.br/exibe.php?id=5&comp=2>. Acesso em: 1 fev. 2018.

16 Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/esporte/2014/01/brasil-leva-ouro-na-copa-de-esgrima-em-cadeira-de-rodas> e <http://agenciabrasil.ebc.com.br/rio-2016/noticia/2016-09/paralimpiada-com-mais-2-atletas-da-esgrima-delegacao-do-brasil-tem-287>. Acesso em: 1 fev. 2018.

17 Apesar de a UFRGS contar, desde 2001, com um serviço de estudos sobre inclusão através do Núcleo de Pesquisa e Apoio a Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais (NAPNES) e, a partir de 2014, com o Incluir – Núcleo de Inclusão e Acessibilidade, os prédios antigos do Campus Central, onde se localiza o DAD, assim como os prédios mais novos do Campus do Vale, não têm acessibilidade suficiente para receber alunos cadeirantes ou com outra deficiência. Ver reportagem feita pelo Jornal do Comércio, em 2015, sobre a denúncia de alunos da falta de acessibilidade na Universidade. Disponível em: <http://jcrs.uol.com.br/site/noticia.php?codn=196257>. Acesso em: 1 fev. 2-18. Para mais informações sobre acessibilidade na UFRGS, acessar link: <https://www.ufrgs.br/incluir/institucional/historico/>. Acesso em: 2 fev. 2018.

No Educandário, venho trabalhando com Temas Geradores com base na pedagogia libertária e dialógica de Freire: “a investigação do ‘tema gerador’ [...] insere ou começa a inserir os homens numa forma crítica de pensarem seu mundo” (FREIRE, 1987, p. 55).

Figura 1- Atores-estudantes na aula de teatro criando e ensaiando a Performance da *Família Roda*. Educandário São João Batista, Porto Alegre – RS. Novembro de 2014.



Fonte: (Fotografia de Betha Medeiros)

Nos primeiros encontros do semestre, os alunos são estimulados a refletir e expressar sua visão de mundo. “As palavras geradoras devem nascer desta procura e não de uma seleção que efetuamos no nosso gabinete, por mais perfeita que ela seja do ponto de vista técnico” (FREIRE, 1980, p. 43). A partir dessa problematização baseada na vida dos próprios alunos, realizamos uma votação em que será escolhido o tema com que o grupo mais se identifica para ser o gerador do trabalho a ser realizado ao longo do ano em todas as disciplinas. A partir de pesquisas sobre o tema escolhido, são promovidas discussões em aula, entrevistas na comunidade, elaboração de textos, cartazes, cenas improvisadas, criação de histórias coletivas. Enfim, tentamos esgotar todos os problemas levantados sobre o tema, explorando ao máximo o entendimento da realidade e, assim, desenvolver, de forma coletiva, alternativas para tentar transformá-la, como nos ensina Paulo Freire:

O homem não pode participar ativamente na história, na sociedade, na transformação da realidade, se não é auxiliado a tomar consciência da realidade e de sua própria capacidade de transformá-la. [...]

Ninguém luta contra as forças que não compreende, cuja importância não mede, cujas formas e contornos não discerne; [...]
A realidade não pode ser modificada, senão quando o homem descobre que é modificável e que ele pode fazê-lo.” (FREIRE, 1980, p. 40).

Para a maioria desses alunos, ter de ficar em casa por falta de acessibilidade é realmente o que mais os angustia, aflige e restringe. Um deles disse uma frase que ilustra e resume grande parte do problema de todo indivíduo com dificuldade de locomoção: “Para nós, uma simples escada pode se transformar em um muro”.

A Constituição Brasileira assegura a todos os cidadãos o direito de ir e vir¹⁸. Mas como exercer esse direito se, muitas vezes, sair de casa, deslocar-se pelas ruas, usar transportes públicos ou entrar em alguns prédios requer um esforço tão grande que acaba fazendo com que as próprias famílias desestimulem os cadeirantes de estudar, passear, socializar?

Atualmente, a frota de ônibus com elevadores, em Porto Alegre, é de 58% do total¹⁹, mas ainda é insuficiente para os 8,3% da população com alguma deficiência motora²⁰. As empresas de transporte urbano alegam não ter condições de carregar mais de um cadeirante por vez, o que obriga os demais cadeirantes a esperarem o próximo ônibus adaptado e acarreta, em muitos casos, a perda do horário de seus compromissos ou diversão. No caso dos cadeirantes, como de qualquer outro grupo de mesma identidade, andar juntos seria uma oportunidade de identificação, de apoio afetivo e de legitimidade de grupo, algo que dificilmente eles conseguem em meio urbano. Caso os ônibus de transporte público pudessem ao menos levar dois cadeirantes, já seria um grande estímulo à autonomia desse grupo.

18 Art. 5º - Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: XV - é livre a locomoção no território nacional em tempo de paz, podendo qualquer pessoa, nos termos da lei, nele entrar, permanecer ou dele sair com seus bens.

19 Dados levantados junto à Empresa Pública de Transporte e Circulação de Porto Alegre (EPTC) e divulgados em reportagem do programa Jornal do Almoço da RBS (rede de comunicação afiliada à Rede Globo no Rio Grande do Sul) no dia 03 de dezembro de 2014, Dia Internacional da Pessoa com Deficiência, cujo tema principal era a acessibilidade. A reportagem também ressalta que o governo federal determinou que toda a frota de transporte urbano do Brasil seja equipada com elevadores e outros itens obrigatórios para o transporte de pessoas com deficiência e que esse prazo já havia vencido. Na reportagem, a EPTC também informou que, desde 2009, todos os ônibus novos já vêm equipados com elevadores. Infelizmente, não foi possível encontrar dados mais atualizados na página da EPTC. Ver: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/eptc/>. Acesso em: 6 fev. 2018. Link para o programa Jornal do Almoço. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/3806564/>. Acesso em: 2 fev. 2018.

20 Dados do Censo 2010 disponíveis na página do IBGE: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/porto-alegre/pesquisa/23/23612>. Acesso em: 17 fev. 2018.

Há também outras dificuldades de circulação: edifícios com escadaria sem rampas de acesso; elevadores que não funcionam; portas estreitas; banheiros não adaptados; orelhões e containers de lixo no meio do caminho; carros estacionados nas calçadas e calçadas por demais esburacadas, dificultando a passagem de deficientes visuais, cadeirantes, idosos, carrinhos de bebê etc. Todos esses dados demonstram o quanto precisamos de acessibilidade, de modo geral, nas cidades. Assim, este tema tão presente nos alunos com deficiência foi escolhido como gerador da performance *Família Roda*, que abordaremos ao longo do artigo.

3 MUDANÇAS DE MODELOS, MUDANÇAS DE CONCEITOS

Corpos como os dos nossos alunos são corpos que não refletem “os modelos corporais de perfeição e produtividade física, da supremacia do corpo bípede, da visão bidimensional, da audição perfeita, do raciocínio lógico e perfeito”, tão valorizados em nossa sociedade, segundo Teixeira (2011)²¹, uma das primeiras doutoras com deficiência na área das Artes Cênicas, no Brasil.

De modo geral, na sociedade, os corpos deficientes ainda são vistos com o olhar tradicional que só enxerga o “estereótipo do deficiente enquanto coitado, assexuado, afásico e improdutivo” (TEIXEIRA, 2011, p.17). Minha convivência por longos anos com esses jovens mostra que eles têm preferências de estilos de vida, de moda e de gosto, as quais a sociedade, de modo geral, nem imagina porque, na verdade, não os conhece. Raramente, temos deficientes em nossas vidas, seja no trabalho, no teatro, na novela, no supermercado, enfim, nas ruas. Ao menos, essa é a paisagem urbana e social da realidade brasileira normalizadora que ainda se pauta pelo chamado Modelo Médico de Deficiência, o mais comumente utilizado em várias áreas da vida social para analisar a deficiência. Há também o Decreto nº 3.298/89, art. 3º, da Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, que conceitua Deficiência como “toda a perda ou anormalidade de uma estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica que gere incapacidade para

21 Carolina Teixeira é coreógrafa, pesquisadora, Doutora em Artes Cênicas pela UFBA. Personalidade importante por auxiliar na visibilidade e representatividade da pessoa com deficiência.

o desempenho de atividade, dentro do padrão considerado normal para o ser humano”. Porém, em 2015, foi criada a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência que, em seu art. 2º, mudou o conceito de Deficiência:

Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas. (LEI BRASILEIRA..., 2015, [online]).

A professora Petra Kuppers (2014)²² propõe uma alteração de percepção: mudarmos do Modelo Médico de Deficiência para o Modelo Social. No Modelo Médico, segundo suas palavras, “O médico localiza o que é ‘uma aberração’, o que é anormal no sistema do paciente e trabalha para normalizar a pessoa com deficiência” (KUPPERS, 2014, p. 3). Porém, segundo a autora, no Modelo Social:

a deficiência é aparente na interação entre a pessoa com deficiência e o ambiente social. Uma pessoa apresenta uma deficiência como braços curtos, cegueira ou inabilidade de ler. É apenas quando essa forma particular de corporeificação encontra uma sociedade na qual braços longos, comunicação visual e palavra escrita são favorecidas, que a incapacidade se torna uma deficiência. Para uma mulher que utiliza uma cadeira de rodas, não é o seu corpo ou a cadeira de rodas, mas sim as escadas que a tornam incapaz. As barreiras da arquitetura inacessível, as barreiras de atitude moldadas historicamente para pessoas com deficiência e a discriminação institucional resultante são agora os fatores incapacitantes e não o corpo individual de uma pessoa (KUPPERS, 2014, p. 3-4).

Alguns autores buscam adjetivar certos corpos a fim de desestabilizar ou distinguir classificações, tais como: Corpo Estigmatizado (GOFFMAN, 1963); Corpo Anormal (FOUCAULT, 2001); Corpo Inumano (LEHMANN, 2007); Corpo Aleijado (MAIRS, 1986); com necessidades especiais (termo usado na LDB até 2013, quando foi substituído por “com deficiência”), entre outras. Os termos são inúmeros, politicamente corretos ou incorretos. A pesquisadora americana Ann Cooper Albright²³, precursora do tema Dança e Deficiência, criou uma nova escrita para a palavra ‘deficiência’, de/eficiência, que tenta demonstrar o desconforto implícito da escrita e seu significado:

²² Professora de inglês, arte e design, teatro e drama e estudos femininos na Universidade de Michigan. Poeta e ativista da causa da pessoa com deficiência.

²³ Dançarina, pesquisadora, professora e coordenadora do Departamento de Dança de Oberlin College, em Ohio, Estados Unidos.

Apesar de eu lutar (e basicamente me sinto desconfortável) com o adjetivo *deficiente*, eu passei a apreciar a palavra deficiência, que às vezes escrevo de/eficiência. Eu cunhei esta nova escrita para exagerar o precipício intelectual implícito nesta palavra. A barra, para mim, nega o conforto de um estereótipo. É um símbolo que marca um barranco íngreme, obrigando o leitor a dar uma parada repentina e respirar fundo pelo medo de escorregar nele. Funciona também como um espelho que reflete a face de alguém quando a sua boca tenta pronunciar o estado do outro lado do marcador. Diga: De/eficiência. (ALBRIGHT, 2012, p. 3).

Albright (2012), ainda tratando sobre o constrangimento que os termos e as denominações possam causar, cita a escritora Nancy Mairs²⁴, que, de forma provocativa, autodenominava-se “aleijada” (*cripple*):

Disabled (deficiente)... sugere qualquer incapacidade, física ou mental. E certamente não gosto de *handicapped* (incapacitado), o qual deixa implícito que fui deliberadamente colocada em desvantagem, por alguém que nem imagino (meu Deus não é um General Incapacitor)... Estas palavras para mim parecem estar se distanciando de minha condição, alargando o abismo entre palavra e realidade. Mais remoto ainda é o termo recentemente cunhado *differently abled* (diferentemente capacitado), que partilha do mesmo otimismo semântico que transformou países *undeveloped* (não desenvolvidos) em *underdeveloped* (subdesenvolvidos), e depois em *menos desenvolvidos* para finalmente chegar a nações *em desenvolvimento*. As pessoas continuaram morrendo de fome durante estas trocas (MAIRS, 1986, p. 10 apud ALBRIGHT, 2012, p. 4).

Muitas pessoas expressam dúvidas quanto ao termo certo ou “politicamente correto” para designar pessoas com corpos como os do Educandário. Eu entendo essa dúvida, pois os termos mudam constantemente. De certa forma, concordo com Nancy Mairs, que afirma que os termos mudam e muitas vezes “suavizam” a possibilidade de abismos entre o que é ou não é “normal”, mas, na realidade, não diminuem o preconceito.

Carolina Teixeira sintetiza o desânimo frente à disparidade entre o avanço nas atualizações dos termos e a redução da discriminação:

As discriminações sofridas pelo corpo deficiente e o estigma social que o acompanhou no decorrer dos tempos refletiram-se em diversas nomenclaturas sobre o corpo e o indivíduo deficiente, como: aleijado, inválido, incapaz, pessoa excepcional, especial, portadora de deficiência, portadora de necessidades especiais, e, por fim, pessoa com deficiência. É válido salientar que a adoção desses nomes não modificou o olhar social sobre esse corpo, que segue contentando-se com brechas na sociedade, brechas essas constituídas pela própria ação reivindicatória desses indivíduos. (TEIXEIRA, 2011, p. 64-65).

24 Escritora de origem norte-americana, feminista e ativista da causa da pessoa com deficiência.

4 A CENA IN(EX)CLUSIVA

A pesquisadora Lúcia Matos, em seu livro *Dança e diferença – cartografia de múltiplos corpos* (2014), nos relembra a importância de Nijinsky e seu *L'après-midi d'un faune*, em 1912, para a “desconstrução de uma corporalidade presa, até então, pela excessiva idealização e pela rigidez dos padrões da estética clássica” (MATOS, 2014, p. 56). Destaca, também, o editorial do jornal francês *Le Figaro*, escrito logo após a estreia do espetáculo, que classificava a coreografia como movimentos de bestialidade erótica, corpo de bicho mal construído e realismo grotesco. A autora acrescenta, porém, que “as ressalvas feitas pelos críticos da época resultaram em uma maior procura pelo público, que queria, por meio de seu voyeurismo, averiguar in loco a condição da besta erótica.” (MATOS, 2014, p. 56). Por fim, ainda estabelece um paralelo com outra crítica feita, nos anos de 1990, por Arlene Croce, na revista *The New Yorker*, sobre o espetáculo *Still Here*, do coreógrafo e bailarino Bill T. Jones²⁵:

Essa crítica, ao analisar o espetáculo *Still Here*, de Bill T. Jones, mostra-se altamente chocada com a presença no palco de imagens de pessoas aidéticas, gordas, com deformidades físicas ou com doenças terminais, e declara que essas pessoas são “vítimas da arte” de Bill T. Jones, e que o palco não é o espaço para sua apresentação e a elas não cabe outra escolha a não ser de serem doentes. Assim, analogicamente ao editorial apresentado no jornal *Le Figaro*, 80 anos depois outra famosa revista publica um artigo contendo o mesmo tom de repúdio às diferenças, solicitando o não apagamento do corpo idealizado na dança. (MATOS, 2014, p. 56-57)

Apartir dos anos 1990, finalmente começaram a surgir grupos como as companhias Candoco Dance Company²⁶, na Inglaterra, a AXIS Dance Company²⁷, nos Estados Unidos, e a Roda Viva Cia. de Dança²⁸, no Brasil, que foram, segundo Carolina Teixeira, “marcos para o surgimento de novos olhares sobre a dança e sobre o corpo deficiente” (TEIXEIRA,

25 Coreógrafo e bailarino negro norte-americano que, entre outras coisas, no espetáculo *D-Man in the Waters*, de 1989, colocou imagens de Demian Acquavella, seu companheiro de dança e de vida, em cena, após o falecimento do mesmo.

26 Candoco Companhia de Dança, com bailarinos com e sem deficiência, fundada em 1991 em Londres, Inglaterra. Disponível em: www.candoco.uk.

27 Axis Dance Company com bailarinos com e sem deficiência, fundada em 1987, em Oakland, Califórnia (EUA). Disponível em: www.axisdance.org.

28 A Roda Viva Cia. de Dança começou a atuar em 1995, como parte do “Programa Interdisciplinar de Reabilitação na Lesão Medular”, do Departamento de Fisioterapia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), em Natal, RN, e acabou tornando-se a primeira companhia de dança com bailarinos com deficiência no Brasil.

2010, p. 2). No Rio Grande do Sul temos as criações da coreógrafa Carla Vendramin²⁹. Seu primeiro trabalho foi *Perspectivas*, um processo colaborativo de pesquisa coreográfica com as bailarinas Julie Cleves e Kimberley Harvey, em Londres, entre 2008 e 2010. O elenco de *Perspectivas* era formado por bailarinas com e sem deficiências, assim como a peça infantil, também de Carla Vendramin, *O Gato Malhado* e a *Andorinha Sinhá*, que encenou em 2013. Atualmente, Carla coordena o Projeto *Diversos Corpos Dançantes*, com performances e espetáculos pontuais.

Ainda segundo Teixeira, atualmente vivemos uma “mídiaização excessiva do discurso inclusivo” (TEIXEIRA, 2010, p. 5) delimitado num tom estigmatizado: ou de coitado ou de super-herói. Propagandas, palestras, eventos esportivos (como parolimpíadas) e memes na internet³⁰ reforçam o uso da imagem de pessoas com deficiência como super-heróis, acentuando a ideia de “superação” e de “inspiração”. Essas várias imagens como que acabam por:

objetificar as pessoas com deficiência em benefício das pessoas sem deficiência. O propósito dessas imagens é inspirar você, motivar você, para então podermos olhar para elas e pensar: ‘Bem, por pior que seja a minha vida, poderia ser pior. Eu poderia ser aquela pessoa.’ Mas e se você for aquela pessoa? (YOUNG, 2014, [online]).³¹

Para muitos artistas e pesquisadores, a proposta de inclusão evidencia a exclusão e não atende às expectativas das pessoas com deficiência. Entre eles, destaca-se o dançarino e coreógrafo Edu O., primeiro professor universitário cadeirante de dança do Brasil, como ele orgulhosamente se apresenta³². Edu O. questiona o nome “Dança inclusiva” por acreditar que o termo ajuda a criar um nicho e limitar os artistas a editais e espaços específicos. Como artista, ele se sente livre “para participar de qualquer edital, qualquer proposta de financiamento e não é porque sou deficiente que eu tenho que me

29 Carla Vendramim coordena, desde 2014, o Projeto *Diversos Corpos Dançantes*. É Fisioterapeuta, mestre em coreografia pela Middlesex University e professora de dança na ESEFID/UFRGS.

30 Meme é um termo criado pelo escritor Richard Dawkins em seu livro *The Selfish Gene* (O Gene Egoísta), lançado em 1976, cujo significado é um composto de informações que podem se multiplicar entre cérebros ou em determinados locais como em livros. O Meme pode ser uma frase, um link, um vídeo, um site, uma imagem, entre outros, que se espalha por intermédio de e-mails, blogs, sites de notícias, redes sociais e demais fontes de informação. Fonte: InfoEscola.

31 Comediante, jornalista e ativista dos direitos civis das pessoas deficiente. Ver palestra *Não sou sua Inspiração, obrigada*, na conferência realizada em 2014, pela Fundação TED Sydney. Disponível em: https://www.ted.com/talks/stella_young_i_m_not_your_inspiration_thank_you_very_much. Acesso em: 2 fev. 2018.

32 Nome artístico de Eduardo Oliveira. Professor Assistente da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia (UFBA). É dançarino e coreógrafo, integrante do Grupo X de Improvisação em Dança.

enquadrar em determinada coisa como uma migalhinha” (OLIVEIRA, 2013, p. 3). O Grupo X de Improvisação em Dança, do qual ele faz parte desde 1999, chamou-lhe a atenção por justamente não ser um grupo de “dança inclusiva” e por realizar pesquisas sobre improvisação em cena e o corpo.

Nessa mesma perspectiva, temos o Manifesto Anti-Inclusão, da performer Estela Lapponi,³³ que faz coro com Edu O.:

Manifesto Anti-Inclusão parte_1

(...) A Inclusão propõe hierarquia de capacidades.
 A Inclusão é incapaz de ver e enxergar.
 A Inclusão é incapaz de ouvir e escutar.
 A Inclusão é simplesmente incapaz.
 A Inclusão pressupõe passividade.
 A Inclusão não interage.
 A inclusão causa pena
 A inclusão é unilateral
 A inclusão exclui
 A inclusão isola (...)
 A inclusão quer te normatizar
 A inclusão quer te excepcionalizar
 A inclusão quer te paralisar
 A inclusão quer te desconsiderar
 A inclusão quer te desincorporar
 A inclusão quer te ignorar
 A inclusão quer te especificar
 A inclusão quer te deixar só!
 (LAPPONI, 2015, [online]).

130

Carolina Teixeira chama atenção para o risco de que essa inclusão midiática calcada na normatividade possa, na verdade, acabar ajudando na formação de guetos e, por fim, na exclusão:

Com efeito, ao mesmo tempo em que o discurso da inclusão se nutre da participação do grupo social para a integração-aceitação do excluído, este renova o ciclo excludente em ações paliativas de oportunização. (...) A inclusão que se materializa de forma midiática não inclui o corpo deficiente, que, por sua vez, não se reconhece no meio social, econômico e político, perpetuando desta maneira a segregação constituída pela sociedade perfeita. As artes da cena correm o risco de privilegiar a manutenção destes mecanismos de inclusão disfarçada, reforçando a criação de guetos artísticos que se restringem apenas à oportunização de espaços (TEIXEIRA, 2010, p. 6).

³³ Performer, atriz, dançarina, produtora e diretora com deficiência.

É importante ouvir a voz desses artistas que estão tentando alertar-nos para a falsa ideia de inclusão que incentiva a criação de grupos formados somente por artistas com deficiência, que têm de disputar editais separados, os quais contemplam apenas espetáculos que giram em torno dos temas “superação”, “motivação”, “inspiração”. Como se o artista com deficiência andasse sempre em círculo e não avançasse para um novo patamar.

5 A PERFORMANCE *FAMÍLIA RODA*³⁴

Porto Alegre, 08 de junho de 2017. Segundo o noticiário:

A chuva que atinge Porto Alegre causa alagamentos na cidade. Conforme o Centro Integrado de Comando da prefeitura, o acumulado de chuvas nas últimas 24 horas pode ser um dos maiores em anos. Entre 18h de quarta-feira (07) e 6h desta quinta-feira (08) o acumulado chegou a 75 milímetros, mais da metade prevista para o mês. (G1/RS, 2017, [online]).

Assim, amanhece o dia agendado e ansiosamente esperado há, pelos menos, dois meses: a apresentação, na sala de teatro Alziro Azevedo, no centro da cidade de Porto Alegre, no Departamento de Arte Dramática (DAD) da UFRGS³⁵.

Favela Vila Cruzeiro, 05 horas da manhã. Lucas, um dos alunos da turma de Alfabetização, acorda sua avó, com quem dormira mal acomodado, por causa das inúmeras goteiras no quarto e em várias partes do casebre onde moram. Disse: “Quero tomar banho!”. “Banho?”, perguntou sua vó. “Mas eu já não te dei banho ontem de noite?”. Então ele revelou sua preocupação: “Mas eu quero ir bem cheiroso na apresentação!”.

Já eu, às 8h04min, dentro da lotação, quase chegando ao Centro Histórico, no Teatro Alziro Azevedo, envio um recado pelo *WhatsApp* para a coordenadora pedagógica da Escola, Jaqueline Petry: “E aí, gente? Os atores da *Família Roda* chegaram? São Pedro deu uma trégua. Será que rola?”. E recebi a resposta às 8h11min: “Oi. Falta a Gilda e o Jonas.” Eu respondi: “Fazemos com quem estiver, sem problemas. Depois desse dilúvio, o que vier, é lucro!”. E, às 08h55min, o alívio: “Chegaram todos.”

34 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8UbtvwhRRA&t=155s>. Acesso em: 2 fev. 2018.

35 Essa apresentação foi resultado de uma das atividades da Disciplina Práticas em Dança, Performance e Improvisação, ministrada pela Professora Dr^a. Suzane Weber da Silva, do PPGAC/UFRGS.

Figura 2 - Atores-estudantes sendo colocados dentro da van para a Performance *Família Roda*, no Educandário São João Batista, Porto Alegre - RS. Junho de 2017.



Fonte: (Imagem cedida por Jaqueline Petry [com autorização])

Na Escola, às 09 horas, a professora da turma, Sélia, e as funcionárias da sala de convivência, Jely e Marinês, começam a levar os alunos para dentro da van; o motorista, Cláudio, começa a desmontar as cadeiras de rodas e a colocá-las, todas empilhadas, atrás da van.

Às 9h17min, finalmente, partem rumo ao Prédio do DAD, no Centro Histórico de Porto Alegre, para a sala Alziro Azevedo, onde já estão sendo ansiosamente aguardados.

Às 9h50min, a van da escola estaciona em frente ao número 312 da Avenida Senador Salgado Filho, centro da cidade. Imediatamente, o grupo formado por alunos da pós-graduação, professores e alunos da graduação prontificam-se, além de recepcionar os atores-estudantes, a ajudar a montar as cadeiras de rodas, colocá-los nas cadeiras, empurrar e carregá-los por sete lances de escada, até chegarem ao palco. Ou seja, o espectador que, normalmente, esperaria na plateia o início da apresentação, nessa performance, acompanha via internet a entrada na van e, depois, no teatro, interage de forma ativa com os atores-estudantes, auxiliando-os a vencer suas necessidades de locomoção.

Figuras 3 e 4 - A chegada dos atores-estudantes à Sala Alziro Azevedo no DAD/UFRGS, Centro Histórico de Porto Alegre- RS, recebendo o auxílio dos espectadores para chegar até o palco.



Fonte: (imagem fotográfica obtida a partir de *frame* do vídeo de Davi Giordano, cedido às autoras. Junho de 2017)

Inicia-se a performance. Eu apresento o grupo:

“Esta é a turma de Alfabetização. Venho trabalhando ‘Temas Geradores’ com eles, inspirada no método de alfabetização de Paulo Freire. Os Temas, geralmente, acabam girando em torno dos problemas da falta de acessibilidade, de inclusão, de liberdade. Diante da grande admiração que todos os alunos têm pela peça A Família Sujo³⁶, do Grupo Cuidado que Mancha, resolvemos criar cenas que aliam o tema gerador ‘acessibilidade’ a uma pequena homenagem ao grupo. Assim surgiu A Família Roda, em que contamos

³⁶ *A Família Sujo* é uma peça de referência do grupo gaúcho *Cuidado que Mancha*. O texto é uma adaptação do livro de Gustavo Finkler e tem direção de Mirna Spritzer. A peça estreou em 2002, no formato de rádio-teatro para crianças, e continua em cartaz, aleatoriamente, até hoje em dia. A peça, junto com *O Natal de Natanael* e o show musical *A Mulher Gigante*, faz parte do DVD *Cuidado que Mancha*, de 2006, realizado pela Casa de Cinema de Porto Alegre. Ainda hoje, muitas escolas utilizam o DVD como material educativo.

o dia a dia de uma família com pai, mãe e três filhos. Todos cadeirantes. E, antes que eu esqueça, esta não é apenas uma apresentação. Trouxemos um manifesto! O Manifesto pela Acessibilidade!”.

Entregamos o Manifesto com a letra do Rap da Acessibilidade e o texto completo da Performance *Família Roda*. *“Viemos, também, fazer política! Nós precisamos estar em todos os lugares! Que é o que vamos mostrar agora.”* Apresento, um a um, os atores-estudantes e iniciamos a apresentação propriamente dita.

Durante seis minutos, os atores-estudantes apresentam, de forma divertida, os percalços que uma família de cinco cadeirantes enfrenta em seu dia a dia no ônibus, na escola, no cinema. Terminamos cantando, junto com a plateia, o Rap da Acessibilidade, que diz, da forma mais simples e direta possível:

O QUE NÓS QUEREMOS?

A CES SI BILIDADE

Mais ônibus com

A CES SI BILIDADE

Prédios com

A CES SI BILIDADE

Calçadas com

A CES SI BILIDADE

Cinemas com

A CES SI BILIDADE

Praças com

A CES SI BILIDADE

Mais teatros com

A CES SI BILIDADE

Estádios de futebol com

A CES SI BILIDADE

Banheiros com

A CES SI BILIDADE

Mais mentes com

A CES SI BILIDADE

Corações com

A CES SI BILIDADE

Nossa cidade com

A CES SI BILIDADE

O País, o Planeta com

A CES SI BILIDADE³⁷

³⁷ Rap idealizado e gravado nas aulas de teatro no Educandário São João Batista. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CPD6O6qhxa0&t=8s>. Acesso em: 8 set. 2017.

Figuras 5 e 6 - A alegria e a espontaneidade da apresentação e a recepção entusiasmada da plateia da Sala Alzira Azevedo no DAD-UFRGS, no Centro Histórico de Porto Alegre- RS, junho de 2017.



135

Fonte: (imagem fotográfica obtida a partir de *frame* do vídeo de Davi Giordano, cedido às autoras)

No final, os atores-estudantes são aplaudidos de pé e com muito entusiasmo pela plateia, que faz perguntas, elogia-os e os entusiasma. A plateia sugere ao grupo que continue a fazer teatro e a se manifestar como atores cidadãos, exigindo direitos.

Em seguida, refazemos todo o processo ao contrário: carregando-os escada abaixo, colocando-os dentro da van, desmontando suas cadeiras e empilhando-as na parte de trás da van, rapidamente, para conseguirem chegar à Instituição a tempo de almoçarem e partirem no transporte de volta às suas casas. Nesse momento, encontramos uma solidariedade rápida da plateia, mas não só isso, há uma verdadeira troca, curiosidade e abertura frente a esses jovens atores. Toda a movimentação de ida, chegada com auxílio da plateia para entrada no prédio histórico sem acessibilidade (o DAD, que no ano de 2018 completou 60 anos de atividade) e a apresentação foram marcados pela emoção,

pela alegria e pelo ineditismo, pois, pela primeira vez, o velho e histórico chão de madeira do palco do DAD recebeu um grupo de cadeirantes para se apresentar junto a um público formado, em sua maioria, por professores e estudantes de teatro.

Para nossos alunos, pela dificuldade de locomoção e acessibilidade, todo passeio sempre é recebido com muita euforia. Porém esse, em especial, devido à recepção entusiasmada que tiveram por parte do público, os elogios e, principalmente, a surpresa com a ajuda para se movimentarem até o palco, foi muito significativa e contribuiu para o aumento da autoestima dos alunos.

Na conversa após a apresentação, os espectadores mostraram-se muito emocionados. Para muitos, a experiência pode ter propiciado uma desautomatização do olhar, uma mudança na forma de ver pessoas com deficiência: ao mesmo tempo que precisam de auxílio, também podem ser engraçadas, falantes, felizes.

Conforme o relato de Richard Schechner (2010), sobre o início dos Estudos da performance, fica evidente o quão política uma performance da vida cotidiana pode se tornar:

E em todas as coisas eu comecei a ver teatro – e iniciei a desenvolver teorias sobre isso que logo eu chamaria de performance. [...] Nessa mesma época, eu dirigia e escrevia peças e desenvolvia performances que não eram peças – mas *happenings*, o que mais tarde se chamaria arte da performance. Eu também estava intimamente envolvido no Movimento dos Direitos Civis nos Estados Unidos e, mais tarde, no movimento contra a Guerra do Vietnã. Esses dois grandes movimentos político-sociais me levaram – como a tantos outros, milhões – às ruas e outros espaços públicos onde realizávamos demonstrações, fazíamos coisas que mostravam algo, nas quais pontuávamos algo ao representá-lo. Quando negros e brancos juntos iam a uma farmácia pedir uma taça de café enquanto sentavam-se lado a lado onde (no sul dos Estados Unidos) aquilo era contra a lei, esse sentar junto (como essas ações eram chamadas) demonstrava a incoerência e a injustiça da lei que eles conheciam e que estavam quebrando. Tudo isso constituía muito fortemente uma performance da vida cotidiana – performance que significa mais do que algo que é encenado (SCHECHNER, 2010, p. 32).

Aqui também temos uma performance que significa algo além da dramatização em si vista no palco. Fica evidente a performatividade dos cadeirantes, que é uma performatividade do dia a dia, em que o transporte e a acessibilidade são algo bastante complexo. Essa performatividade da ida, chegada e saída do prédio é, em si, uma parte do “espetáculo”, em que o público, através das mídias, como os celulares, acompanha, por

meio de fotos e vídeo, o percurso dos atores-cadeirantes e deficientes. Acontece que há a encenação propriamente dita, em que eles atuam como os personagens da *Família Roda*, mas a performance inicia antes e continua depois de terminada a encenação.

O fato de o público haver acompanhado, através de recados e vídeos enviados por WhatsApp, o deslocamento dos atores-cadeirantes, da Instituição até o prédio do DAD, de haver ajudado a tirá-los da van e trazê-los para dentro do teatro faz com que essa experiência seja memorável para cada um deles., Acreditamos que, sempre que essas pessoas olharem para um local sem acessibilidade, perceberão o problema antes invisível para quem não tem algum tipo de deficiência em seu círculo familiar ou de amizade.

Há um trecho memorável no documentário *Examined Life*³⁸, em que a filósofa Judith Butler e a ativista pelos direitos das pessoas com deficiência Sunaura Taylor “caminham”³⁹ pelas ruas da cidade de São Francisco, falando sobre acessibilidade, deficiência, gênero, políticas de inclusão e exclusão. No documentário, Sunaura Taylor diz considerar o fato de ir a alguns lugares, como cafeterias, e pedir ajuda a atendentes, por exemplo, um ato político. Ao que Butler complementa, trazendo a questão de repensarmos o individualismo e do que é ser humano: “Vivemos ou não num mundo no qual nos ajudamos mutuamente? Ajudamos ou não uns aos outros no que toca às suas necessidades básicas?”. Para Butler (2011), a noção de individualidade passa pela percepção da alteridade, pelo reconhecimento da humanidade do outro que está sob ameaça (vida precária) e pelo vínculo moral e ético que se forma a partir dessa relação. Para a autora, “a insensibilidade humana à dor e ao sofrimento torna-se o mecanismo por meio do qual a desumanização se consuma” (BUTLER, 2011, p. 30). Esse envolvimento direto com a pessoa com deficiências foi o que aconteceu entre a plateia e os atores alunos da performance *Família Roda* – o que consideramos parte essencial em termos de performance.

Taylor, que antes morava em Nova Iorque, explica, no documentário, o que a levou a mudar-se para São Francisco:

38 *Examined Life* (Canadá, 2008). Direção: Astra Taylor.

39 O verbo está entre aspas porque Sunaura é cadeirante. Ela nasceu com artrogripose, uma síndrome que limita os movimentos articulares. No início da sua conversa com Butler, ela responde se de fato o termo *walk* (andar, caminhar) estaria correto: “digo sempre às pessoas que vou ‘andar’. Uso essa palavra. E a maior parte das pessoas que conheço com deficiência, também usa esse termo.”

Principalmente, por ser o lugar mais acessível do mundo. E parte do que é tão incrível para mim é que o acesso físico...O fato de os transportes públicos serem acessíveis, o fato de haver rampas na maior parte dos lugares em que eu vou, o fato de os edifícios serem acessíveis... O que vejo é que isto também conduz a uma aceitação social. De algum modo, por haver acessibilidade física, simplesmente há mais pessoas com deficiências circulando e, por isso, as pessoas aprenderam como interagir com elas e estão habituadas à sua presença, de certa maneira. Portanto... o acesso físico leva a um acesso social, a uma aceitação (TAYLOR, 2008, [online]).

Como diz o velho ditado popular, “quem não é visto, não é lembrado!” A partir do momento em que houver mais acessibilidade, pessoas com deficiência e suas necessidades se tornarão mais visíveis e respeitadas. A filósofa cubana Caballeiro (2011) explica que o corpo das atrizes, dos atores e dos *performers* vai além de uma presença material, carnal, sensorial, tendo em vista que o *real* do corpo do artista não é suficiente para explicar a carga política da teatralidade dos contextos cênicos contemporâneos. Trata-se de uma presença não somente autorreferencial e estética, mas também ética. É a fisicalidade enquanto ato do sujeito, e são suas implicações éticas e suas respectivas derivações a partir de sua intervenção no aqui e agora. É o ato teatral como apelo entre o social e o artístico: o artista que se aproxima do ator social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme cantam os atores-estudantes ao final da Performance *Família Roda*, “o que nós queremos?”, o fato de começarmos a performance distribuindo um manifesto é nossa forma de dizer que estamos fazendo arte. Também é nossa forma de dizer que “toda arte é política”, segundo nos ensina a autora Caballeiro (2011)⁴⁰, que pensa a arte “como ação perturbadora (...) de tornar visíveis situações que de outra maneira não seria possível nem mostrar” (DIEGUEZ, 2011, p.188). Portanto, nossa intenção como artistas, além do prazer da performance, da diversão e da alegria desses atores-estudantes e seus corpos diversos, é tentar transformar o olhar das pessoas que assistem a eles. Nossa intenção é que as pessoas, de modo geral, percebam, reconheçam e observem sempre quando uma escada, uma porta estreita, uma calçada quebrada possam barrar um cadeirante, ou um contêiner machucar um deficiente visual, e que não se furtem em auxiliar. Que

40 Pesquisadora do Departamento de Humanidades da Universidad Autónoma Metropolitana (UAM-Cuajimalpa), México.

o posicionamento de Butler e Taylor (2008) possa nos inspirar sobre alteridade e sobre a importância de nos ajudarmos mutuamente como humanidade. Acessibilidade leva à inclusão, e a inclusão à aceitação.

Que o lugar do deficiente possa ser mais amplo do que o retângulo de fundo azul com o símbolo de cadeirante pintado de branco que vemos em salas de aulas, em bancos, salas de espera de aeroportos⁴¹. Sim, o fato de existir um lugar reservado para cadeirantes é parcialmente positivo; é um avanço significativo, mas ainda é limitante e restringe o cadeirante a um espaço pré-estabelecido. É como o exemplo da performance *Família Roda*, em que, ao ir ao cinema, além do medo de não conseguir entrar por causa do número muito restrito de cadeirantes por sessão, vê-se confinada a um lugar na primeira fila de poltronas, praticamente colado na tela, o que dificulta a visão. Ou seja: é um espaço de exclusão dentro da inclusão. E “o que nós queremos”, afinal, é que o lugar do cadeirante seja onde ele quiser estar, exercendo, como todo cidadão, seu direito de ir e vir! Que num futuro próximo, parafraseando Stella Young em sua supracitada palestra, ninguém mais se surpreenda que o seu professor de dança seja um cadeirante, por exemplo.

REFERÊNCIAS

ALBRIGHT, Ann Cooper. Movendo-se através da diferença: dança e deficiência. In: **Cena**: revista do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da UFRGS, Porto Alegre, n. 12, p. 1-30, 2012.

_____. **Coreographin difference**. [S.l.]: Wesleyan University Press, 1997.

BAPTISTA, Claudio Roberto. Educar e Incluir: introduzindo diálogos. In: BAPTISTA, Claudio Roberto (Org.). **Inclusão e escolarização**: múltiplas perspectivas. Porto Alegre: Mediação, 2006. p. 7-16.

BRASIL. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, DF: Congresso Nacional, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 14 abr. 2018.

_____. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Brasília, DF: Congresso Nacional, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 14 abr. 2018.

_____. Decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1989. **Política Nacional Para A Integração da Pessoa Portadora de Deficiência**. Brasília, DF: Congresso Nacional, 1989. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3298.htm>. Acesso em: 14 abr. 2018.

41 Símbolo Internacional de Acesso.

BUTLER, Judith. Vida precária. Contemporânea. **Revista de Sociologia da UFSCar**, São Carlos, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, n.1, p. 13-33, 2011.

DI PASQUALI, Giovanna; MASELLI, Marina. Pessoas com Deficiência e Escola: principais mudanças na experiência italiana. **Educação & Realidade**, Faculdade de Educação da UFRGS, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 707-724, jul./set. 2014.

CABALLERO, Ileana Dieguez. **Cenários liminares: teatralidades, performances e política**. Uberlândia: EDUFU, 2011.

EXAMINED Life. Direção: Astra Taylor. Produtores: Bill Imperial (Sphinx Productions), Lea Martin (NFB). Produção Executiva: Ron Mann. Editor: Robert Kennedy. Canadá, 2008. 1 vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wgJ9ErSGsXQ>. Acesso em: 12 fev. 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GIORDANO, Davi. **Chegada dos atores-estudantes à Sala Alziro Azevedo no DAD/UFRGS**. DAD/UFRGS: Porto Alegre, 2017. 1 foto.

_____. **A alegria e a espontaneidade da apresentação e a recepção entusiasmada da plateia da Sala Alziro Azevedo no DAD-UFRGS**. DAD/UFRGS: Porto Alegre, 2017. 1 foto.

140

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade manipulada**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1963.

G1/RS. **A chuva que atinge Porto Alegre causa alagamentos na cidade**. Porto Alegre: Globo Comunicações, 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/chuva-causa-transtornos-em-porto-alegre-com-pontos-de-alagamento-nesta-quinta.ghtml>. Acesso em: 8 jun. 2017.

KUPPERS, Petra. Educação acessível: estética, corpos e deficiência. In: **Cena: revista do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da UFRGS**, Porto Alegre, n. 15, 2014.

LAPPONI, Estela. Manifesto anti-inclusão. **Estela Lapponi Blogspot**, São Paulo, 2015. Disponível em: <http://zuleikabrit.blogspot.com.br/2015/06/manifesto-anti-inclusao.html>. Acesso em: 24 jun. 2017.

LEHMANN, Hans-Thies. **Teatro pós-dramático**. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2007.

MAIRS, Nancy. On being a cripple. In: **Plaintext**. Tucson: University of Arizona Press, 1986.

MATOS, Lucia. **Dança e diferença: cartografia de múltiplos corpos**. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2014.

MEDEIROS, Betha. **Atores-estudantes na aula de teatro criando e ensaiando a Performance da Família Roda**. Educandário São João Batista: Porto Alegre, 2014. 1 foto.

OLIVEIRA, Eduardo. Entrevistador: [Produção Cultural na Bahia]. Entrevistado: Edu O: Coreógrafo e dançarino. [S.l.]: [Salvador], 2013. Disponível em: <<http://www.producaoculturalba.net/wp-content/uploads/2013/04/EDU-O.pdf.pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2017.

PETRY, Jaqueline. **Atores-estudantes sendo colocados dentro da van para a Performance Família Roda**. Educandário São João Batista: Porto Alegre, 2017. 1 foto.

ROMANO, Lúcia Regina Vieira. A preparação corporal tem gênero? In: TAVARES, Joana Ribeiro da Silva; KEISERMAN, Nara (Org.). **O corpo cênico: entre a dança e o teatro**. Rio de Janeiro, Unirio, v. 1, p. 101-112, 2013.

SCHECHNER, Richard; ICLE, Gilberto; ANDRADE, Marcelo Pereira de. O que pode a Performance na Educação? Uma entrevista com Richard Schechner. **Educação & Realidade**, Faculdade de Educação da UFRGS, Porto Alegre, v. 35, n. 2, p. 23-33, 2010.

TEIXEIRA, Carolina. Deficiência em cena: O corpo deficiente entre criações e subversões. **O Mosaico**, Curitiba, UNESPAR, n. 3, p. 1-9, jan/jun. 2010.

_____. **Deficiência em cena**. João Pessoa: Ideia, 2011.

VEIGA-NETO, Alfredo. Incluir para saber. Saber para excluir. **Pro-posições**, São Paulo, UNICAMP, v. 12, n. 2-3, p. 22-31, 2001.

YOUNG, Stella. **I'm not your inspiration, thank you very much**. Palestra proferida no TED Taks, Sydney, Austrália, abr. 2014. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/stella_young_i_m_not_your_inspiration_thank_you_very_much>. Acesso em: 22 abr. 2018.

Recebido em: 20/11/2018

Aceito em: 09/04/2019